



Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

O PARTHENON LITERÁRIO*

Múcio Teixeira

Publicado no site em 24/04/2018

O Parthenon Literário foi um incentivo e é um exemplo. Influuiu de maneira poderosa e brilhante, tanto no momento histórico como no meio físico, ampliando o seu campo de ação sociolátrica até as condições da raça, de conformidade com a trilogia de Taine. Porto Alegre parecia, então, a metrópole intelectual do Brasil. Nunca se vira, mesmo, em nenhuma de nossas grandes e cultas capitais, tamanho número de poetas e prosadores, reunidos todos nas aras do ideal comum. As tradições da Corte, de S. Paulo, Pernambuco, Bahia e Maranhão, sem esquecer os poetas de Vila Rica no tempo da Conjuração Mineira, nada disso se compara ao que foi a capital gaúcha no decênio de 1869 a 1879.

S. Paulo viu, reunidos na sua Academia de Direito – ÁLVARES DE AZEVEDO, AURELIANO LESSA, BERNARDO GUIMARÃES, JOSÉ BONIFÁCIO, FELIX DA CUNHA e FERREIRA VIANNA, mas apenas eram paulistas os dois irmãos ANDRADAS e ÁLVARES DE AZEVEDO; nos outros períodos da sua efervescência mental quando surgiram CASTRO ALVES, VARELLA, PEDRO LUÍS, PESSANHA PÓVOA, FERREIRA DE MENEZES, BITTENCOURT SAMPAIO e AMÉRICO LOBO, o primeiro era bahiano, o segundo, o terceiro, o quarto e o quinto fluminenses, o sétimo mineiro e nenhum era paulista.

A Corte do Império, que indiscutivelmente tem sido um viveiro de heróis e gênios, foi, é e será sempre o luminoso centro da periferia para onde convergem as cerebrações de todos os pontos do país, sem que o número dos seus oriundos possa antepor-se à invasão que o assoberba, à semelhança das águas de muitos rios correndo para o mar. Pernambuco reuniu, em diversos períodos, PEDRO DE CALASANS, TOBIAS BARRETO, SYLVIO ROMERO e FAUSTO CARDOSO (sergipanos); CASTRO ALVES, PLÍNIO DE LIMA e AUGUSTO GUIMARÃES (bahianos); LUÍS GUIIMARÃES (carioca); apenas os pernambucanos GENERINO DOS SANTOS; ANÍBAL FALCÃO e MARTINS JUNIOR. O Maranhão e a Bahia, sim, tiveram os seus próprios filhos reunidos em diferentes épocas, nunca, porém, com a abundância numérica e valorosa dos rio-grandenses no *Parthenon Literário* de Porto Alegre.

Neste radioso cenáculo da pátria gaúcha reuniram-se naquele tempo mais de cinquenta intelectuais, todos rio-grandenses, que se chamavam: Caldre e Fião, Appolinário, Achylles e Apelles Porto Alegre, José Bernardino dos Santos, Affonso Marques, Lobo Barreto, Gustavo Vianna, Baptista Pereira, Ferreira da Luz, Ferreira Neves, Menezes Paredes, Ignacio de Vasconcellos, Bibiano de Almeida, Sá Britto, Aurélio de Bittencourt, Hilário Ribeiro, Antônio

Palmeiro, Homero Baptista, Alves Torres, Joaquim Moreira, Miguel Werna, Luís Motta, Faria Corrêa, Azevedo Junior, Silva Vidal, Damasceno Vieira, Augusto Tota, Sousa Lobo, Paula Soares, Gomes Cardin, Leopoldo de Freitas, Manuel de Bem, Pedro de Miranda, Benjamin Villas Boas, Oliveira Bello, Fernando Osório, Vasco de Araújo, Fernando Ferreira Gomes, Francisco Cunha, Theodoro de

*Extraído do capítulo v de MEMÓRIAS DIGNAS DE MEMÓRIA, autobiografia de Múcio Teixeira, Rio de Janeiro: A Imprensa, 1911.

Miranda, Terêncio de Miranda, Arthur Rocha, Lobo da Costa, Bernardo Taveira, Eudoro Berlink, Ataliba Valle, Argemiro Galvão, Ernesto Silva, Lúcio Cidade, Trajano Cesar, Assis Brasil, Júlio de Castilhos, Tallone Junior, Alcides Lima, Érico da Cruz, Arthur de Oliveira, Victor Valpério e Múcio Teixeira, sem esquecer a poetisa Amália Figueirôa e a prosadora Luciana de Abreu¹, nem os padres Teixeira, Vianna e Massa, bons oradores sagrados.

Além da indiscutível superioridade numérica, a elaboração dessa formidável plêiade de intelectuais não se limitou ao terreno exclusivo da literatura, sacudiu a ramaria entrançada na floresta escura da política, para que batesse em cheio naquele solo fecundo o sol que devia vigorizar a sementeira das ideias novas, dando extraordinário impulso às correntes da aspiração republicana e cooperando de maneira eficaz para a solução do problema abolicionista, que partiu de um dos seus membros, o Dr. Caldre e Fião, que foi o precursor do estadista da lei de 28 de setembro de 1871.

O *Parthenon Literário* foi um enorme e doirado viveiro de atrevidas águias, que dali sacudiram as grandes asas de envergadura capaz de transpor as culminâncias da poesia e da ciência, da arte e da política, da administração e da diplomacia, de todos os departamentos da esfera social. Teve poetas, oradores, dramaturgos, jornalistas, parlamentares, tribunos, romancistas, diplomatas, estadistas, e um sábio, de renome na Europa. ARAÚJO RIBEIRO, depois VISCONDE DO RIO GRANDE, o autor da *Criação ou a Natureza interpretada pelo senso comum*, em que se revela filósofo e demonstra cientificamente o crescimento da terra, obra que foi traduzida em alemão e prefaciada por DARWIN.

E tal a indiferença indígena por aquilo de que mais nos deveríamos orgulhar, que uma instituição como o *Parthenon Literário*, sem igual entre as suas congêneres, nem mesmo o Instituto Histórico, que é o mais considerado núcleo da nossa intelectualidade, nem ao menos é citada na *História da Literatura Brasileira* de Sylvio Romero, que se limitou a dizer apenas isto: - “Quase toda a gente, naquele tempo, no Rio de Janeiro e províncias do Sul, fez versos imitando a maneira do poeta das *Espumas Flutuantes*. Os mais notáveis seguidores do gênero foram CARLOS FERREIRA, nas *Rosas Loucas*, MÚCIO TEIXEIRA, nas *Sombras e Clarões*, etc. ALCIDES MAYA, porém, a mais potente cerebração patricia da atualidade, diz: - “MÚCIO TEIXEIRA é, sem contestação, um dos autores brasileiros que desfrutaram de maior renome, não só no país, mas também nos principais centros de cultura da América do Sul e Central, em Portugal e na Espanha”².

Este mesmo escritor, levantando das cinzas do esquecimento a única academia de letras que temos tido até hoje, diz: - “Surgiu Múcio Teixeira, no Rio Grande do Sul, em época de efervescência literária, a do *Parthenon*, dominada por uma forte corrente de ideias humanitárias e liberais, republicanas e, simultaneamente, por um notável movimento nacionalista nas letras. As tradições gaúchas, estudadas carinhosamente, favoreciam a tendência revolucionária e democrática da mocidade de então. Começava a propaganda abolicionista na imprensa e na tribuna das conferências; os jornais sustentavam incandescentes polêmicas filosóficas, políticas, religiosas; todos queriam a América livre... Formulava-se ao mesmo tempo o problema da nacionalidade dos tipos heroicos, as suas lutas e costumes; impunha-se geralmente como o primeiro e o mais sagrado dever de patriotismo. A poesia tornara-se perigosamente batalhadora doutrinária, arrebatada”.

- Eu publicava estrofes assim:

¹ Poucos anos antes floresceram naquele mesmo meio literário Araújo Porto Alegre (depois Barão de Santo Ângelo, Araújo Ribeiro (depois Visconde do Rio Grande) e Visconde de São Leopoldo, Antônio Álvares Pereira Coruja, Felix da Cunha, Gaspar Martins, Carlos Ferreira, Passos Figueiredo, Zeferino Rodrigues, Leonel, Capistrano Filho, João Vespúcio e as poetisas Delfina da Cunha, Rita Barém, Eurydice Barandas e Claudina de Siqueira, não esquecendo os dois alemães Carlos Koseritz e Carlos Jansen, que se naturalizaram brasileiros, prestando assinalados serviços à literatura rio-grandense.

² *O Paiz*, do Rio, de 22 de Fevereiro de 1904.

*Surgiu a hora tremenda
Das tempestades Moraes!...
Nos antros de escura senda
Tremem, rugindo os chacaes...
Da boca da populaça
Salta afinal a mordança
Que em silencio a conservou;
Nero, sufoca a risada...
Napoleão, despe a espada.
Solta o verbo, Mirabeau...³*

O *Parthenon Literário* foi fundado no memorável dia 18 de Junho de 1868. Fale JOSÉ BERNARDINO DOS SANTOS, meu muito amado mestre, que corrigiu e prefaciou o meu primeiro livro de versos – *Vozes trêmulas* (1873): - Descansemos um pouco sobre a pedra angular do grandioso monumento recém lançada à vala, e contemplemos com desvanecimento e orgulho aquela árdida e brilhante mocidade, que se lhe agrupa ao redor, desfaldando o estandarte da revolução e da conquista!... Saudemo-los, os ilustres neófitos das letras, que, cômicos de si, se votam sorrindo ao martírio de um apostolado grandioso, como outrora se adornavam de flores as vítimas destinadas ao holocausto; saudemo-los com uma dessas vibrações patrióticas, que nos arrancam d’alma o entusiástico brado de – *Avante!*

O que foi esse dia, e o que era essa mocidade, vai ela própria dizer-nos na frase eloquente de *Iriema*⁴: - “Os alvanéis do *Parthenon* eram apóstolos de uma crença, como o foram CEPHAS e PAULO; a uns e outros assistiu a mesma energia moral. O culto às letras constitui também uma coroa de espinhos e uma apoteose sobre a lápida que o revestir. O dia 18 de Junho abriu o ciclo literário na província que até então não pudera reunir um núcleo onde a luz civilizadora se concentrasse nos certames científicos, nos pleitos da tribuna e na discussão transcendente sobre o verdadeiro, o bem e o belo.

Não foi isso um programa político, sonoro só porque é cavo; foi um voto, como que uma profecia, que tem nos fatos consumados a evidência do seu inteiro cumprimento. Tudo isso é uma realidade; e mais ainda: uma *Revista Literária*, uma esplendida biblioteca e o registro das cartas de liberdade que o *Parthenon*, só por si, e pela sua solícitude, concedeu a quarenta e tantos seres, que por infausto nascimento estavam condenados a não fruir o supremo dos gozos – a liberdade, aí estão erguendo padrões gloriosos, eternos, nos quais um dia, talvez não remoto, burilará a gratidão pública a palavra *-benemerência*. Estes fatos são tão notáveis e públicos, que não é mister recomendá-los; para serem aceitos, eles por si mesmos impõem-se ao espírito mais rebelde.

Receios de exprobar suscetibilidades, fazem-me sacrificar outras reflexões interessantes ao assunto como ainda calar os nomes mais distintos dos que constituem essa plêiade ilustre, a que poderia socorrer-me. A boa e verdadeira crítica tem-nos, porém, discriminado, ordenando-os pela precedência do mérito; e esse juízo virá ressarcir o prejuízo que me provoca prudente silêncio. E demais, é fácil tarefa a que tiver por escopo conhecê-los: eles aí estão, ou na biblioteca, anais e revistas do *Parthenon*, ou na imprensa diária, ou ainda nos louros que juncaram o proscênio e nos vitoriosos que estremeceram as pesadas abóbadas do nosso malfadado teatro, quando *Chleo e Japhet* e *Mulher e Mãe*⁵, o levantaram do lodo em que o tinham imergido. Procure-os o historiador aí, que como a folha, a flor e o fruto são presos ao tronco, os encontrará ligados a produções de subido mérito científico e literário”⁶.

³ Da poesia *O Throno e a Igreja*, no volume das *Sombras e Clarões*.

⁴ Pseudônimo de Appolinario Porto Alegre.

⁵ Dramas de José Bernardino dos Santos e de Eudoro Brasileiro Berlink.

⁶ Carta a Múcio Teixeira por José Bernardino dos Santos, *Álbum Semanal*, anno I, 1872.

Diz LOBO BARRETO⁷ – “O *Parthenon*, em nossos dias, de atalaia neste extremo bastião do florescente povo sul americano, atrevido construiu em um penhasco, no meio das ondas do materialismo, o seu admirável templo; e sobre ele acendeu um farol, a publicação da sua *Revista*: e muitas vezes o naufrago, perdido na negridão das cavas oceânicas, vem, atraído pela esteira de luz daquele foco, crente bater à porta do templo hospitaleiro. É mais um livro que se abre”.

- E CASTRO ALVES disse:

*“Oh! Bemdito o que semeia
Livros, livros á mão cheia,
E manda o povo pensar;
O livro, cahindo n’alma,
É gérmen – que faz a palma,
É chuva – que faz o mar!”*

Durante os dois primeiros anos, reuniam-se os membros do *Parthenon* em sessões semanais, para ler as suas produções em prosa e verso, discutindo assuntos de literatura, arte e história. Em 1870 apareceu o primeiro número da sua *Revista Mensal*, em grande formato, de 48 páginas, acompanhada de um retrato seguido da biografia de brasileiros ilustres, principalmente os nascidos no Rio Grande do Sul. Os assuntos tratados em tão interessante publicação eram de preferência relativos à história e costumes da mesma província, tanto na poesia como no romance, no drama ou na comédia, na crônica e no conto, sendo extraordinário o número de preciosos documentos inéditos da guerra dos *Farrapos*. Coincidiu o desaparecimento daquela *Revista* com a minha saída de Porto Alegre, aparecendo apenas uns dois ou três anos números depois que fixei residência na Corte, mas ainda neles há trabalhos meus, que daqui remetia aos meus colegas.

Além da pontual publicação dessa *Revista* (1870-1879), dava o *Parthenon* sessões bisemanais (uma privativa dos sócios, a outra franqueada às suas famílias), começando a parte dançante assim que terminava o sarau literário, que principiava por uma conferência de assunto filosófico, artístico, histórico ou de atualidade. Cada um esmerava-se em prender a atenção do auditório com ideias novas, buriladas em caprichoso estilo, conseguindo alguns verdadeiros triunfos de tribuna. Também fazíamos subir à cena, mensalmente, no Theatro S. Pedro, dramas e comédias originais dos nossos confrades, sendo os papéis desempenhados por alguns deles com o auxílio de senhoritas da melhor sociedade porto-alegrense. E o produto material desses espetáculos era destinado à libertação dos cativos, que recebiam a carta de liberdade em cena aberta, entre discursos e poesias, palmas e flores, aplausos e bênçãos.

O Dr. CALDRE E FIÃO doou ao *Parthenon* uma vasta extensão de terras, no arrabalde que tomou o nome da gloriosa associação, para aí ser lançada a pedra fundamental do seu edifício, cuja planta também ofereceu, um belo palácio de mármore patricio, talhado pelos moldes arquitetônicos do suntuoso monumento erigido por PÉRICLES, em Atenas, em honra de MINERVA. Mas... além de faltar-nos dinheiro suficiente para a realização desse sonho do grande visionário, faltava-nos também PHIDIAS, com o concurso de ICTINOS e CALLICRATES. Foi este um dos últimos enlevos daquele espírito generoso, daquele coração magnânimo, daquela alma eternamente infantil.

Surgiu a *Revista do Parthenon* quando as folhas da imprensa de Porto Alegre flutuavam à tona d’água, num mar que parecia adormecido para o ideal, onde bordejavam as desarvoradas naus dos dois partidos políticos, o liberal e o conservador, cujos órgãos, *A Reforma* e *O Constitucional*, pareciam dois navios mercantes em funda calma morta, caídas do alto dos mastros as enrugadas velas, rebentando o cordame, desconjuntada a mastreação, na monótona expectativa de um vento de feição, à mercê do primeiro rebojo que os levasse na

⁷ João da Cunha Lobo Barreto Filho nasceu em Porto Alegre em 1853, onde morreu em 1875.

interrompida direção de indeciso rumo. Uma leve brisa preguiçosa e tardia, vinha, de vez em quando, desfraldar os compridos panos, que espadanavam, se entreabrindo de chofre, para de novo se encolher, como se fossem as grandes asas de uns pássaros fantásticos e sonolentos, mal sacudidas no azul para manter o equilíbrio da flutuação.

Surgiu inesperadamente, na linha extrema do horizonte, radiante como o olho ardente de um farol na penumbra crepuscular, o primeiro número da *Revista do Parthenon*, que não encerrava no bojo somente a nossa bagagem literária, mas abria as suas páginas, que eram as velas soltas da esquadra do futuro, às novas ideias sociais e humanitárias. A propaganda revolucionária, iniciada por APPOLINÁRIO PORTO ALEGRE e seus companheiros, durante a guerra do Paraguai, passando da sua casa da rua Nova para os fundos de um sobrado da rua de Santa Catharina, onde se reuniam desde 1868, passou em 1873 para o salão principal do Parthenon, também na rua Nova, mas em prédio diferente e próprio, todo forrado de estantes cheias de livros escolhidos de literatura e ciência.

Na biblioteca do Parthenon estudavam, dia e noite, os sócios menos favorecidos da fortuna, que ali encontravam livros à vontade, pena, papel e tinta para os seus ensaios literários, dando, então àquela ardente e corajosa mocidade a maior expansão à propaganda das ideias novas, que logo encontraram eco nas vozes dos alunos da Escola Militar de Porto Alegre, muitos dos quais conseguiram mais tarde ligar o seu nome aos mais salientes fatos políticos que se desenrolaram desde os últimos anos da Império até depois de proclamada a República: eram eles FREDERICO SOLON, ARTHUR OSCAR, THOMAZ FLORES, CAETANO DE FARIA, MOREIRA CESAR, DANTAS BARRETO, FEBRONIO DE BRITO, TRAJANO CESAR, COIMBRA JACQUES e outros. O DANTAS e o FEBRONIO não eram alunos, serviam naquela guarnição e o TRAJANO só mais tarde se matriculou⁸.

O bergantim dourado dos nossos ideais, audaz e galhardo como um veleiro brigue pirata, não oferecia as velas de seda ao beijo voluptuoso dos caprichosos ventos, mas seguia orientado pela precisão científica da bússola, impelido com violência pela vertiginosa rapidez de uns músculos d' aço movimentados pela energia das caldeiras acesas, deslizando garboso e petulante sobre a espumarada férvida das ondas chicoteadas pela hélice, num oceano cavado por ventos de tempestade, à semelhança de FULTON, arrancando o naufrago do heroísmo às suas profundas meditações nostálgicas nas penedias de Santa Helena. Só então aquela atrevida águia moribunda, já com as possantes garras acorrentadas às férreas grades da jaula britânica, compreendeu, com tardio e inútil arrependimento, que teria alargado indefinidamente o seu alto e solitário voo triunfal sobre todas as cordilheiras do planeta se não tivesse rejeitado aquele poderoso elemento de guerra, de paz e de progresso, fiando-se no conselho dos numerados imortais a quem consultou.

Assim também os sustentáculos do segundo reinado, entre nós, não quiseram se convencer, lendo o programa dos moços do *Parthenon*, que, era mister modificar a divisa dos dois partidos militantes, que não faziam outra coisa senão disputar a posse do poder, em teimosa desobediência às imperiosas imposições da lei evolutiva. Se os liberais e conservadores tivessem a previsão do futuro, naturalmente haviam de por de lado os subalternos interesses partidários e pugnariam pelos seus princípios com o mesmo ardor com que nos batíamos nós pelos nossos; e outros e mais resistentes seriam fatalmente os múltiplos elementos que poderiam antepor à invasão impetuosa das ideias republicanas. Foi positivamente o combate desigual do gigante, revestido de armadura d' aço, brilhante e invulnerável, investindo intrépido e resoluto contra dois pigmeus descuidados e sem armas na mão, ou, para melhor dizer, ferindo-se nas próprias armas que encontraram às apalpadelas, debandando espavoridos ao primeiro grito de guerra, como a matilha das antas que se dispersam ao restrugir das fanfarras dos caçadores em manhã de sol e primavera.

⁸ Daquele meio partiram Júlio de Castilhos, Assis Brasil e Homero Baptista para S. Paulo, onde continuaram a propaganda.